

DA CLARIDADE MAIOR:

*Para Lá Das RELIGIÕES:
ENSAIOS SOBRE RELIGIÕES
e CULTURAS, ÉTICA,
ESPIRITUALIDADE e
POLÍTICA, DE ISABEL
ALLEGRO DE MAGALHÃES*

Ana Luísa Amaral
Universidade do Porto

*Mesmo assim, acredito que a fragilidade
pode abrir a uma claridade maior.*

Isabel Allegro de Magalhães

>>

Apontamento 1

Dizia o poeta inglês William Blake que as religiões não passam de sistemas. Há um conhecíssimo passo do seu poema *Jerusalem*, de 1804, onde se pode ler: "I must create a System, or be enslav'd by another man's; I will not reason and compare. My business is to create". E criou. Criou não só a mais bela e profunda poesia que nos é dada em língua inglesa, mas ainda um sistema de símbolos que não escravizam, sendo em tudo diferentes dos de credos depois institucionalizados que tanto combateu, ao lado de gente tão rebelde quanto ele. Mas crente num mundo mais justo e mais humano. E todavia, o divino era, para Blake, o centro e a fonte da imaginação ("God is all imagination", disse); não era o deus criado e fixado/enquadrado pelo ser humano, que surgia como um "pai de ninguém". Os sistemas, via-os Blake como ficções, úteis para negociar realidades, mas ficções, apesar de tudo; por isso estabelecia a diferença entre os deuses, com minúscula, sempre imperfeitos e investidos dos humanos atributos, criados pela razão humana agrilhoadas a um estado escuro, e um Ser a que chamamos Deus, de facto o sem nome, equivalente à Imaginação. O mesmo que dizer: a fonte da poesia.

Lembrei-me de William Blake ao ler Isabel Allegro. Lembrei-me de Blake ao ler o texto que abre este livro, e que se chama "Mundos, artes, religiões: A presença de uma ausência". E lembrei-me, pela ligação que ali é trazida entre o mundo, as várias personificações do sagrado, sejam elas cristãs, hindus, muçulmanas, ou budistas, e a arte, sobretudo a poesia. A religião será a forma, as interpretações, tentativas sempre "cultural e historicamente condicionad[a]s e de certo modo limitad[a]s e incomplet[a]s"

(p. 19); o resto, a substância, se quisermos, “são sobretudo acenos, cintilações, vestígios, vínculos – metafísicos, religiosos, espirituais, éticos – a apontarem ao que desconhecemos, nos transcende e chama, e cujo nome”, tal como em Blake “não sabemos pronunciar” (p. 50).

Dizer que este é um livro religioso é dizer muito pouco sobre ele. Sobretudo, é lê-lo só superficialmente, escamoteando-lhe uma dimensão que vai muito além da moral, que é a ética. Além disso, ao seu subtítulo, a autora podia ainda ter acrescentado: poesia.

Apontamento 2

320>321

Manuel Gusmão, aqui citado por Isabel Allegro: “Chegou. Não pára de chegar o tempo extremo / o tempo da ofensa e do extermínio. O tempo / de ninguém”.

“Ora esguardae”, dizia Fernão Lopes nas suas crônicas. O que temos neste livro não são crônicas, mas ensaios. E todavia, tal como no caso do nosso grande cronista, esguardar é considerar, e considerar é meditar. Ou pensar. Apetece-me dizer: Ora esguardae este livro, que, ao estar para *além de*, é um libelo contra um discurso pautado pelo medo, pela incompreensão, pela intolerância, pela ausência de solidariedade.

Neste livro e nos ensaios que o habitam se oferecem traçados do Divino, mas também do humano. E, porque do humano, denunciando, como Boaventura de Sousa Santos escrevia também em crônica, que “estamos a ser *agidos*, de que nosso é apenas o nome em nome do qual outros agem para o bem que só é nosso se for também deles”. Este é um livro sobre a necessidade urgente de nos repensarmos aqui e de reivindicarmos e aplicarmos “formas criativas de solidariedade” (p. 83). Cito do ensaio “Uma outra consciência”:

Na era da globalização e do multiculturalismo, seguramente traria um acréscimo de sentido o facto de tornar-se audível, da parte das grandes religiões e espiritualidades, uma incitação veemente à prática da justiça que modelasse atitudes e exigisse decisões de governação e comportamentos quotidianos de respeito pela alteridade e a diversidade: na Humanidade, na Terra, no Cosmos.

É que os actuais contextos das nossas sociedades exigem essa elevação de todos a estádios de consciência, na solicitude, na justiça, na compaixão. (p. 292)

É neste ensaio que se ensaia, de forma exemplar, quatro dimensões que podem “dar substância” a uma “nova ética global”: a responsabilidade, a tomada de posição, a máxima bíblica ‘setenta vezes sete’; e a confiança a montante. Este é um dos muitos exemplos de como estes textos seguem o verdadeiro espírito do ensaio, nessa tentativa de pensar o mundo e as coisas, sopesando os limites da liberdade, os limites da responsabilidade, os limites do eu e da sua relação com o outro.

Temos vindo cada vez mais a ouvir falar de normas e de regras, e do perigo que representa a sua infracção. Azafamados que estamos em convocar continuamente as normas, corremos o risco, como Adorno bem sabia, de criar uma falsa ideia de unidade. E de gerar violência, uma palavra usada por Adorno em relação à ética, no contexto do universal *versus* o individual: se uma norma ética, escreve Adorno, ignorar as condições sociais existentes, então o *ethos* pode tornar-se violência, justamente aquela violência que as regras e as normas diziam ter sido criadas para conter. Nunca a espiritualidade ou a poesia estiveram divorciadas do mundo, da mesma maneira que não é possível pensar a crise do saber e da ética sem pensar na crise social – e, portanto, humana, porque é dessa que falamos. O funcionamento dos saberes, os discursos, os métodos – têm poder político, um poder que *não é* de resto, note-se, subestimado pela política, embora os governantes estejam cada vez mais alienados da sua relação com o tecido social. Num texto fundamental deste livro, “*Ergueste-a e fez-se: Manifesto-festa da esquerda*”, Isabel Allegre de Magalhães escreve:

A actual governação tem actuado em pleno alheamento social, distraída dos mais frágeis; ainda por cima com arrogância, na sua linha tão rígida e não abertamente explicada, algo próxima já de uma nova espécie de ditadura: triturando as vozes críticas, com focos autoritários não localizáveis, de alto a baixo na escala social, disseminados “por entre as gentes” – serviços e instituições e até linhas telefónicas e *mails* em algum funcionalismo público vigiado. Subtis mas eficazes – o suficiente para moderarem ou até paralisarem protestos. (...) Tudo isto se passa numa sociedade – e é o mais grave – em que há (mas oficialmente não sabemos) o desconforto aflito e silencioso de tanta gente: são já dois milhões de portugueses (em quarto da população) no limiar da pobreza; enquanto, em lugares quase-ocultados, escassos grupos de pessoas têm benefícios e lucros muito acima do aceitável, e vivem presos a

>>

coisas insignificantes. E esta distância entre ricos e pobres, a mais gritante da Europa, continua impunemente a crescer, deixada à impotência e ao abandono.

Em tempos tão cruéis e tão difíceis como estes por que agora passamos, o próprio acto de reflectir, o ensaio do pensar, que é, como diz a autora, “também trabalho de bastidor”, não pode ser encarado como gesto supérfluo nem visto como elitista. Isto aplica-se quer ao estudo de uma poeta, como em “Espírito e subversão em Natália Correia”, quer ao debate sobre um problema filosófico, como em “O limiar como lugar”, quer à discussão sobre as frágeis fronteiras que ligam e separam as culturas, como nesse esplêndido texto “Traçado de civilizações: dos *cartoons* à liberdade de expressão”. E aplica-se a este livro, centrado que ele é em questões que dizem respeito às liberdades humanas fundamentais e à dignidade de ser.

322>323

Apontamento 3

Isabel Allegro de Magalhães pertence ao *Graal* desde os dezoito anos, tendo sido sua dirigente nacional e internacional. Pertence, nas suas palavras, a “algo que muda”. Este terceiro apontamento dedica-se à sua pessoa e a algo que eu talvez devesse, se esta fosse uma apresentação ortodoxa, ter feito no início, mas que se liga ao que acabei de dizer um apontamento atrás: falar do saber que este livro revela, da bibliografia impressionante, que atravessa a literatura em várias línguas, as culturas diversas, as várias religiões, a teologia de mulheres e a feminista, as filosofias ocidental e oriental, a própria ciência, a preocupação ambiental, a poesia, os partidos políticos, o feminismo, os saberes de nós todos. E também o cuidado, esse espaço a que Maria de Lourdes Pintasilgo dedicou uma ética e que Isabel Allegro de Magalhães aqui retoma. “O que vemos hoje quando dizemos política (...), aquilo a que chamamos ‘democracia’ não é política. (...) Falta-lhe o que conta na definição do humano e que põe tudo no seu lugar: o afecto — que organiza a vida interior de cada um e constrói as relações entre as pessoas”. Por isso, na vida política, “o afecto é a procura da acção justa, a *equidade* enquanto injustiça a favor dos que são marginalizados”, escreveu Maria de Lourdes Pintasilgo no livro *Palavras Dadas*, que Isabel Allegro de Magalhães organizou.

A organização desse livro é uma parte ínfima da vastíssima obra feita de Isabel Allegro. Dessa obra constam livros fundamentais para os estudos literários e culturais e para os estudos sobre mulheres e feminis-

tas, como *O tempo das mulheres*, de 1987, *O sexo dos textos*, de 1995, ou *Capelas imperfeitas*, de 2002; dela constam também quase uma centena de ensaios em temas diversos, mas onde a perspectiva comparatista não é nunca perdida de vista; dela consta ainda a sua colaboração com a Fundação Gulbenkian, enquanto directora científica e organizadora da *História e Antologia da Literatura Portuguesa*; e essa obra engloba igualmente um outro tipo de labor que não o literário, mas o cívico (e recordo que a Isabel Allegro foi Co-Presidente do Movimento para a Libertação da Palestina e Paz no Médio Oriente). Em toda esta larga obra tem perpassado, de uma forma ou de outra, inquietações tangentes às que animam *Para lá das religiões*, composto, como disse, por ensaios vários, de proveniências diversas, vindos de lugares diferentes, mas sempre verticais de lugar.

>>

Não posso deixar de referir um vector importante que me parece ter transitado do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, vindo depois aqui ampliar-se e fulgurar de outra maneira: refiro-me ao conceito de 'resposta', "gesto de mim em movimento em direcção ao outro" (p. 134). E saliento a importância de Lévinas e a sua noção de 'rosto', de que Isabel Allegro tanto se serve e que lhe é tão fundamental, a esse vector novo. Nesse ensaio que já referi sobre o tristemente célebre caso dos cartoons dinamarqueses e da liberdade de expressão, Isabel Allegro de Magalhães problematiza a questão dos limites da legitimidade da liberdade e os seus excessos. E escreve:

Como diz Lévinas, a nossa responsabilidade exige que cada pessoa responda ao *rosto do outro* que [nos] obriga (LÉVINAS: 1988, 73). A responsabilidade é assim colocada num plano ontologicamente anterior ao da liberdade, isto é, só somos livres quando somos responsáveis, quando assumimos a nossa própria resposta perante o outro e a vida.

É isso que permite articular liberdade e responsabilidade, o que exige a garantia de que o ser do outro, individual e colectivo (cultura, civilização, religião), não seja nunca marginalizado, inferiorizado ou posto a ridículo. O respeito, e até a reverência, perante o *rosto do outro* terá de atravessar eticamente todas as esferas da vida, qualquer que seja a situação (p. 226)

"Se não respondo por mim, quem responderá por mim? Mas se só respondo por mim, serei ainda eu?", cita ainda Isabel Allegro do *Talmud da Babilónia*. Penso numa variação desta formulação, aquela que foi feita por Hillel, o grande sábio, e na revisitação que a poeta norte-americana

Adrienne Rich lhe faz. Pouco antes do advento da era cristã, Hillel dizia: “Se não eu por mim, quem por mim? Se eu for só por mim, quem sou eu? Se não for agora, quando?”. No final do século XX, Adrienne Rich acrescentava, perguntando: “Se não com os outros, como?”

Último apontamento

Há um poema de Adrienne Rich, de que já uma vez me servi (na apresentação de um livro que ajudava também a pensar), que fala de um lugar secreto, e de árvores, e de revoluções. Um poema que se chama “Que tempos são estes?”, escrito a partir de um lugar (os Estados Unidos) e do seu tempo, o nosso. Mas esse poema pode ser de um lugar ou de um tempo qualquer. Este lugar. E este tempo. Dele leio somente as duas últimas estrofes:

324>325

(...)

Não te direi onde é este lugar, a malha escura dos bosques
abrigando uma linha de luz despercebida –
encruzilhadas percorridas por fantasmas, o paraíso dos musgos:
já sei quem o vai querer vender, comprar, fazer desaparecer.

Não te digo onde fica, então porque te digo eu
seja o que for? Porque tu ainda escutas, porque em tempos
como estes
ter-te aí a escutar, é necessário
falar das árvores.

Estas mesmas palavras podiam aplicar-se a este livro. De facto, o mundo em que vivemos hoje caracteriza-se pelo excesso. Excesso de armas de destruição, excesso de consumo, excesso de imagens que se substituem à realidade, e ainda um tipo de excesso do avesso: o da ausência. Estes dois excessos vivem lado a lado, sem conviverem de facto. Geralmente não se cruzam, a não ser de forma virtual, ou deflectida. Quando se atravessam no caminho um do outro, quando o mundo do excesso da ausência, o mundo do imigrante, do sem voz, se cruza com o mundo do consumismo desenfreado e do capitalismo sem peias, nasce o incómodo a que viramos a cara, ou a destruição a que chamamos vandalismo.

A poesia, a literatura, a arte, vivem ao arrepio disto e, ao mesmo

tempo, como numa bomba de hidrogénio, no seu núcleo. Defendendo a integridade do precaríssimo equilíbrio de forças de que vivem os dois excessos. A literatura, a arte, a poesia, tal como ainda as conhecemos, podem ser assim um antídoto para essas imagens monstruosas e sem dono a que chamarem seu, porque os donos não têm nome e escondem o rosto atrás de nomes que são as zonas pardas onde se esconde o poder sem limites. E podem ser ainda a revelação das outras imagens, representações de corpos que nos são como é a areia. Porque talvez a poesia e as outras formas de arte representem, elas próprias, isso: esculturas feitas sobre a areia. A beleza do efémero que comove, justamente por ser efémero. Uma gaivota a voar. Cujo voo já foi – não se fixa na retina essa imagem, mas na memória, que, diferentemente da retina, junta essa imagem a outras imagens, organizando-as e dando-lhes cores e vozes. Num escolhido ou recebido sem voz.

>>

É das memórias do humano e do que não lhe pertence realmente, que está para além dele, sem nome, da fragilidade a abrir-se a “uma clareza maior”, que eu acho que trata este belíssimo livro de ensaios. <<